Novembro – Figura missionária do mês – São Martinho de Tours

PARTILHAR O PRÓPRIO MANTO.
História, espiritualidade e atualidade de um bispo missionário

Figura missionária do mês
MARTINHO DE TOURS
Missão e santidade

Em outubro, inaugurámos uma nova rubrica para dar a conhecer aos leitores do blogue, a cada mês, uma figura da história missionária. Não se trata de fazer «arqueologia» da missão, mas de redescobrir, através destes testemunhos, aquilo que ainda hoje pode **reavivar em nós a chama missionária**.

No mês passado, recordámos a missionária comboniana Teresa Grigolini, no 95.º aniversário da sua morte, ocorrida a 21 de outubro de 1931. O seu percurso é singular na história da missão. Foi **religiosa, esposa e mãe** e conheceu o sofrimento em cada uma destas três experiências. A sua vida pode ser relida à luz de um triplo martírio.

Em novembro, vamos ao encontro de São Martinho de Tours, cuja festa a Igreja celebra a 11 de novembro. O gesto de partilhar o seu manto com um pobre oferece-nos uma chave para reler a história e a espiritualidade deste bispo missionário. E coloca-nos uma pergunta que também nos diz respeito. O que significa hoje «partilhar o próprio manto» para uma Igreja que quer ser verdadeiramente uma Igreja em saída?

Introdução. Um santo para uma Igreja missionária

São Martinho de Tours (c. 316/317–397) é uma das figuras mais originais e influentes do cristianismo ocidental da Antiguidade. Soldado, catecúmeno, monge, bispo e evangelizador, atravessou um dos períodos de maior transformação na história da Igreja, marcado pela passagem da época das perseguições para a do reconhecimento público do cristianismo no Império Romano.

O seu percurso pessoal reflete essa mudança, mas introduz também uma novidade. Numa época em que a Igreja ganhava prestígio e influência social, Martinho escolheu a pobreza, a simplicidade evangélica, a vida comunitária e a proximidade às pessoas. Ao tornar-se bispo, não abandonou o ideal monástico, antes fez dele o fundamento da sua atividade pastoral.

A sua vida mostra uma unidade singular entre contemplação e missão, oração e compromisso social, anúncio do Evangelho e atenção aos pobres. Mais de dezasseis séculos depois, este testemunho conserva uma atualidade surpreendente para uma Igreja chamada a renovar a sua presença missionária no mundo.

Entre a história e a hagiografia

Conhecemos Martinho sobretudo graças a Sulpício Severo, escritor cristão seu contemporâneo, que compôs a *Vita Martini* por volta de 396, quando o santo ainda era vivo. A esta primeira biografia juntam-se os *Diálogos*, algumas cartas e outros escritos do mesmo autor. Mais tarde, Gregório de Tours e Venâncio Fortunato contribuíram para difundir a sua memória.

São testemunhos valiosos, mas exigem uma leitura atenta. Sulpício não escreve uma biografia segundo os critérios da historiografia moderna. Pretende apresentar um modelo de santidade cristã, narrando factos históricos a par de milagres, visões e episódios edificantes.

Por detrás da linguagem hagiográfica emerge, contudo, uma figura histórica bem reconhecível. Martinho é um homem de profunda espiritualidade, capaz de iniciativas originais, protagonista da difusão do cristianismo nas zonas rurais da Gália e testemunha de uma nova maneira de exercer a autoridade na Igreja.

1. Entre o Império Romano e a Gália cristã

Martinho nasce em Sabária, na antiga Panónia, a atual Szombathely, na Hungria. O pai é oficial do exército romano. A família muda-se para Ticinum, a atual Pavia, onde o jovem Martinho cresce num meio ainda predominantemente pagão, mas entra cedo em contacto com o cristianismo.

O mundo em que vive muda rapidamente. Após o reconhecimento da liberdade de culto em 313, a Igreja deixa progressivamente de ser uma minoria perseguida e assume um papel cada vez mais importante na sociedade imperial. Multiplicam-se as comunidades cristãs, consolida-se a organização episcopal e surgem intensas controvérsias teológicas, sobretudo em torno do arianismo e da divindade de Cristo.

O cristianismo continua, porém, a ser uma realidade sobretudo urbana. Nos campos, especialmente na Gália, perduram os cultos e as tradições religiosas do mundo galo-romano. A presença cristã é desigual nessas regiões e a evangelização depara-se com dificuldades particulares.

A carreira militar leva Martinho a Amiens, na Gália, onde a tradição situa o célebre episódio do manto. Depois do batismo e de deixar o exército, aproxima-se de Hilário, bispo de Poitiers, um dos mais abalizados defensores da fé nicena. Nos anos seguintes, volta a percorrer a Panónia e a Itália, passando também por períodos de retiro e de procura ascética.

Por volta de 361 estabelece-se em Ligugé, perto de Poitiers, onde dá início a uma das primeiras experiências monásticas documentadas do Ocidente latino. Em 371 é eleito bispo de Tours, cidade do vale do Loire que se tornará o centro da sua atividade pastoral e missionária.

A sua vida termina em 397, em Candes, onde se tinha deslocado para resolver um conflito no seio de uma comunidade eclesial. O seu corpo é levado para Tours e sepultado a 11 de novembro, data que virá a ser a da sua memória litúrgica.

O itinerário de Martinho, da Panónia à Itália e à Gália, revela já algo da sua personalidade. É um homem em movimento, capaz de atravessar fronteiras, de se encontrar com pessoas de meios diversos e de levar a sua experiência de fé para além do lugar de origem.

2. Um bispo que continua a ser monge

Um dos aspetos mais inovadores da personalidade de Martinho é a sua opção pela vida monástica.

O monaquismo cristão tinha-se desenvolvido sobretudo no Oriente, em particular nos desertos do Egito, da Palestina e da Síria. Figuras como Antão Abade e Pacómio tinham proposto formas de vida radicalmente evangélicas, caracterizadas pela renúncia aos bens, pela oração, pela ascese e, no caso das comunidades cenobíticas, pela vida fraterna.

Estas experiências começavam a ser conhecidas também no Ocidente, sobretudo através de relatos e biografias, entre as quais a célebre *Vita Antonii*, escrita por Atanásio de Alexandria.

Não há indícios de que Martinho tenha frequentado pessoalmente os mosteiros egípcios, mas a sua experiência insere-se claramente no movimento ascético que se difundia do Oriente para o mundo latino.

A sua relação com Hilário de Poitiers teve também uma influência decisiva. Envolvido nas controvérsias teológicas do seu tempo, o bispo era para Martinho uma referência eclesial e espiritual. Junto dele amadureceu o ideal de uma vida inteiramente consagrada a Cristo, sem separar a fidelidade à Igreja da exigência de uma conversão pessoal radical.

Em Ligugé, Martinho deu início à sua própria experiência monástica. Não se tratava de aplicar uma regra já codificada, como viria a acontecer mais tarde com São Bento, mas de viver de uma forma nascida da sua busca espiritual, aberta ao acolhimento de discípulos e profundamente marcada pelo ideal evangélico da pobreza.

Eleito bispo de Tours em 371, apesar da sua preferência pela vida retirada, Martinho não renunciou a esse ideal. Depois de um primeiro período junto da igreja episcopal, fundou em Marmoutier, perto de Tours, uma comunidade monástica onde continuou a viver com os seus discípulos.

Sulpício Severo conta que a comunidade reunia cerca de oitenta homens, alguns dos quais oriundos de famílias de elevada posição social. A vida era austera, assente na oração, na partilha dos bens, no trabalho espiritual e na formação.

A novidade não consistia apenas no facto de um monge se ter tornado bispo. Martinho mostrava que era possível exercer a responsabilidade pastoral sem renunciar à pobreza e à simplicidade da vida evangélica.

Numa época em que o episcopado ganhava prestígio público, o seu estilo era invulgar, por vezes até incómodo. Não procurava as honras do cargo, mas a oportunidade de servir a comunidade. A sua autoridade nascia sobretudo da coerência entre o que professava e o que vivia.

Com Martinho toma forma um modelo de bispo-monge em que a contemplação não afasta da missão, antes se torna a sua fonte.

3. O homem e a sua espiritualidade: o manto partilhado

A imagem mais conhecida de Martinho é a do jovem soldado que, às portas de Amiens, partilha o seu manto com um pobre que tremia de frio.

Segundo Sulpício Severo, Martinho ainda não foi batizado. Atravessa a cidade num dia particularmente frio quando encontra um homem quase nu, a quem ninguém presta atenção. Como não tem mais nada para lhe oferecer, desembainha a espada, corta o manto militar em duas partes e entrega uma delas ao pobre.

Na noite seguinte, conta o biógrafo, vê em sonhos Cristo vestido precisamente com essa metade do manto. O relato dá corpo às palavras do Evangelho: «Estava nu e vestistes-me» (Mt 25,36).

Um pormenor merece atenção. Por que razão dá Martinho apenas metade do manto?

Uma tradição posterior explica que o manto pertencia em parte ao exército romano, ou ao imperador, e em parte ao soldado que o usava. Martinho só poderia, assim, dispor livremente da sua própria metade.

É uma explicação sugestiva, mas não documentada pela fonte mais antiga. Sulpício Severo não diz que metade do manto fosse propriedade imperial. Diz simplesmente que Martinho o divide em dois, dá uma parte e guarda a outra para se cobrir.

O sentido fundamental do relato é, pois, outro. Martinho não dá o que lhe sobra, mas partilha aquilo de que ele próprio precisa.

O manto torna-se símbolo de uma caridade que nasce do encontro pessoal e implica uma renúncia concreta.

O gesto revela também um traço importante da espiritualidade de Martinho. Descobre Cristo através do sofrimento do outro, antes mesmo de ter concluído a sua iniciação cristã. A caridade surge não só como consequência da fé, mas também como caminho pelo qual a fé amadurece.

Esta sensibilidade acompanha-o ao longo de toda a vida. As fontes descrevem-no como um homem austero, pouco dado a privilégios, atento aos pobres, perseverante na oração e capaz de gestos corajosos.

Tem também uma personalidade forte, por vezes enérgica e combativa. A sua humildade não é fraqueza. Manifesta-se antes na liberdade de agir em consciência, sem se deixar condicionar pelo prestígio social ou pela autoridade política.

Também os numerosos milagres narrados por Sulpício Severo devem ser lidos nesta perspetiva. Independentemente de poderem ou não ser comprovados historicamente, testemunham a convicção de que Martinho vivia profundamente unido a Cristo e de que a sua presença tornava visível a força libertadora do Evangelho.

4. O compromisso missionário: levar o Evangelho ao mundo rural

Se o manto representa a imagem mais popular de Martinho, a sua atividade missionária constitui provavelmente o seu contributo histórico mais importante para a Igreja do seu tempo.

Como bispo de Tours, Martinho não se limita a governar a comunidade da cidade. Percorre a região, visita aldeias, encontra-se com as populações rurais e promove o nascimento de comunidades cristãs onde o Evangelho é ainda pouco conhecido.

A Gália do século IV apresenta uma situação religiosa complexa. Enquanto o cristianismo se foi afirmando nas cidades, muitas zonas rurais conservam templos, santuários, cultos locais e tradições galo-romanas.

Martinho compreende que a missão exige uma presença direta, capaz de chegar às pessoas no seu próprio meio.

Sulpício Severo relata numerosas iniciativas missionárias, muitas vezes acompanhadas de episódios extraordinários. Descreve a destruição de lugares de culto pagãos, os encontros e confrontos com as populações locais, a pregação e a formação de novas comunidades.

É necessário ler estes testemunhos no seu contexto. A evangelização do século IV envolve muitas vezes formas de confronto religioso que não correspondem à sensibilidade contemporânea em matéria de liberdade de consciência e de respeito pelas outras tradições.

O valor da experiência de Martinho não reside, portanto, em reproduzir todas as formas históricas da sua ação, mas em reconhecer a sua capacidade de ir além dos limites de uma Igreja predominantemente urbana.

Martinho compreende ainda que a missão não se pode esgotar numa pregação ocasional. Precisa de comunidades estáveis, de lugares de culto, de pessoas com formação e de uma presença eclesial capaz de acompanhar a vida quotidiana.

Neste sentido, a sua obra contribui significativamente para a progressiva cristianização das zonas rurais da Gália.

5. A liberdade do Evangelho perante o poder

O caso de Prisciliano revela outro aspeto importante da personalidade missionária de Martinho.

Na década de 380, Prisciliano, bispo da Península Ibérica, é acusado de heresia e julgado perante a autoridade imperial em Tréveris. O processo termina, provavelmente em 385 ou 386, com a sua condenação à morte e a de alguns dos seus seguidores.

Martinho procura opor-se à repressão sangrenta e à intervenção do poder civil nas controvérsias religiosas.

Não se trata de defender as doutrinas atribuídas a Prisciliano, mas de recusar que a dissidência religiosa seja punida com a morte.

O episódio mostra um pastor capaz de manter uma posição independente mesmo perante o imperador e os meios eclesiásticos mais influentes.

Para Martinho, a missão não significa procurar o favor dos poderosos. Implica também a liberdade de defender a dignidade das pessoas e de lembrar a quem exerce o poder os seus limites.

6. A influência de Martinho na história da Igreja

A importância de Martinho não se esgota na sua atividade pessoal. A sua figura contribui para transformar a própria maneira de conceber a santidade cristã.

Nos primeiros séculos, o mártir fora um dos modelos mais significativos do testemunho evangélico. Martinho, pelo contrário, pertence a uma geração que já não conhece as grandes perseguições.

A sua santidade não nasce de uma morte violenta, mas de uma existência inteiramente dedicada a Cristo. Torna-se assim um dos grandes modelos ocidentais do santo *confessor*, aquele que dá testemunho da fé através da vida quotidiana, da caridade, da oração e do serviço à Igreja.

Um segundo contributo diz respeito ao encontro entre o monaquismo e o ministério episcopal. A experiência de Ligugé e Marmoutier oferece ao Ocidente um modelo de vida comunitária austera, capaz também de formar homens destinados a assumir responsabilidades eclesiais.

Por fim, a ação missionária nos campos contribui para alterar a presença da Igreja no território, favorecendo a passagem de uma estrutura predominantemente urbana para uma rede mais articulada de comunidades locais.

Após a sua morte, em 397, o culto de Martinho difunde-se rapidamente.

O seu túmulo em Tours torna-se um dos grandes lugares de peregrinação do Ocidente. Durante a época franca, o santo adquire particular importância religiosa e política, até se tornar um dos principais padroeiros do reino.

Igrejas, mosteiros, aldeias e cidades são dedicados ao seu nome. O seu manto, conservado e venerado como relíquia na tradição franca, torna-se um símbolo de proteção religiosa.

Também o termo *capela* é tradicionalmente associado à pequena *cappa* de Martinho e ao lugar onde era guardada.

A difusão do seu culto testemunha uma extraordinária capacidade de atravessar épocas e culturas. O soldado romano que se tornou bispo na Gália vai sendo conhecido e venerado como santo em grande parte da Europa.

6. São Martinho na cultura e nas tradições populares europeias

A popularidade de Martinho não se limita à história da Igreja. A sua memória ficou profundamente enraizada na cultura europeia, sobretudo através das festas de 11 de novembro.

A data da sua sepultura coincide com um momento importante do calendário agrícola, marcado pelo fim das colheitas de outono, pela preparação para o inverno e, em muitas regiões, pelo termo de atividades e acordos ligados à vida rural.

Deste encontro entre o calendário religioso e a cultura camponesa nascem tradições ainda hoje muito difundidas.

O verão de São Martinho

Em Itália, como noutros países europeus, é conhecida a expressão *verão de São Martinho*, que designa um possível período de tempo relativamente ameno por volta de 11 de novembro.

A tradição popular associou este fenómeno ao gesto do manto, imaginando que o céu teria recompensado a generosidade de Martinho com alguns dias de tempo ameno.

É uma lenda que une o relato cristão à perceção dos ritmos da natureza.

O vinho novo: de Itália a Portugal

Outra tradição particularmente enraizada diz respeito ao vinho novo.

No Véneto ainda se conhece o provérbio «A San Martin el mosto se fa vin», segundo o qual, pelo São Martinho, o mosto se torna vinho. A festa coincide com a altura em que se começa a provar o vinho das vindimas de outono.

Mas este costume não é exclusivamente italiano. Em Portugal é muito conhecido o ditado *«No dia de São Martinho, vai à adega e prova o vinho».* Ou seja, no dia da festa, é costume ir à adega provar o vinho.

A festa portuguesa inclui os tradicionais *magustos*, encontros populares em que se comem castanhas assadas e se prova o vinho novo, muitas vezes a par de outras bebidas características da cultura rural.

A semelhança entre o provérbio véneto e o português é particularmente interessante. Mostra como a mesma festa cristã encontrou, em regiões distantes, práticas agrícolas e costumes sociais semelhantes.

Martinho torna-se, assim, uma referência no calendário rural europeu, em que se entrelaçam a religião, o trabalho da terra e o convívio.

Lanternas, gansos e doces

Na Alemanha, na Áustria e noutras regiões da Europa Central, a festa de São Martinho é marcada por cortejos de crianças com lanternas.

A luz das lanternas evoca simbolicamente a generosidade do santo e a capacidade de levar luz a situações de escuridão. A celebração inclui muitas vezes uma encenação da partilha do manto.

Em vários países é também comum a tradição do ganso de São Martinho. Segundo uma lenda tardia, Martinho teria tentado esconder-se entre os gansos para escapar à eleição episcopal, mas as aves tê-lo-iam denunciado com os seus grasnidos.

Em Veneza e noutras localidades do Véneto, por sua vez, prepara-se um doce com a figura de São Martinho a cavalo, geralmente decorado com glacé e amêndoas confeitadas.

São tradições muito diferentes, mas todas conservam e transmitem a memória do santo através de gestos familiares e comunitários.

São Martinho na arte

Também a arte desempenhou um papel fundamental na difusão da sua imagem.

O gesto da partilha do manto foi representado inúmeras vezes, das iluminuras medievais aos grandes ciclos pictóricos.

Entre as representações mais célebres encontra-se o ciclo de frescos realizado por Simone Martini na Basílica Inferior de São Francisco, em Assis.

A imagem do jovem soldado que se inclina para um pobre conserva uma força expressiva imediata. Mesmo sem conhecer a história do santo, é possível compreender a mensagem de partilha e de compaixão.

Conclusão. São Martinho e a missão da Igreja hoje

O que pode dizer hoje à Igreja um bispo que viveu no século IV?

A distância histórica é enorme. As condições sociais, políticas e religiosas mudaram profundamente. Não seria possível, nem oportuno, reproduzir simplesmente as formas de evangelização do seu tempo.

Contudo, algumas intuições de Martinho conservam uma notável atualidade.

Uma missão que nasce do encontro

O gesto do manto sugere uma primeira lição fundamental. A missão começa pela capacidade de ver o outro.

Martinho detém-se diante de uma pessoa que todos os outros ignoram. Reconhece uma necessidade e responde partilhando o que tem.

É uma imagem expressiva para uma Igreja chamada a não se limitar a organizar as suas próprias atividades, mas a reconhecer os sofrimentos, as expetativas e as perguntas das pessoas.

O anúncio cristão torna-se credível quando assume o rosto da proximidade.

Uma Igreja que chega a quem está longe

Martinho não fica na cidade episcopal. Percorre os campos, chega às aldeias e encontra populações à margem da vida eclesial.

A sua iniciativa pode inspirar hoje uma presença missionária capaz de sair dos ambientes habituais.

As periferias contemporâneas não são apenas geográficas. Podem ser culturais, sociais, geracionais e existenciais.

Pensemos nos jovens que já não encontram nas estruturas eclesiais uma linguagem que lhes diga algo, nas famílias que enfrentam novas dificuldades, nas pessoas isoladas, nos migrantes, nos locais de trabalho e nos contextos em que a referência cristã se tornou marginal.

A lição de Martinho não consiste em conquistar novos espaços, mas em ir ao encontro das pessoas, construir relações e partilhar experiências de vida.

Uma missão alimentada pela oração

A vida monástica de Martinho recorda outro elemento essencial.

O compromisso pastoral não se pode alimentar apenas de programas, estruturas e iniciativas. Precisa de uma fonte espiritual.

Martinho procura preservar um espaço de silêncio e de oração mesmo quando as responsabilidades episcopais se multiplicam.

A sua experiência convida as comunidades cristãs a interrogarem-se sobre a relação entre atividade e contemplação, entre organização pastoral e escuta do Evangelho.

Uma Igreja missionária não é necessariamente a que multiplica as iniciativas, mas a que sabe reconhecer o essencial e encontrar na relação com Cristo a força para servir.

Uma missão comunitária

A experiência de Marmoutier mostra também que Martinho não concebe a vida cristã como uma aventura individual.

À sua volta reúnem-se discípulos que partilham a vida, a oração e a formação.

Também hoje a evangelização precisa de comunidades onde a fé possa ser vivida, partilhada e transmitida.

Não bastam acontecimentos ocasionais. São necessárias relações duradouras, espaços de escuta, percursos de formação e ambientes onde as pessoas possam experimentar concretamente a fraternidade cristã.

Uma Igreja livre e credível

A simplicidade pessoal de Martinho, aliada à sua capacidade de enfrentar o poder, oferece outra indicação.

A credibilidade da missão depende também do modo como se exerce a autoridade eclesial.

A coerência pessoal, a sobriedade, a proximidade às pessoas e a independência em relação aos interesses políticos e económicos não são aspetos secundários. Ajudam a tornar reconhecível a mensagem do Evangelho.

A intervenção a favor de Prisciliano recorda ainda que o testemunho cristão deve saber defender a dignidade das pessoas mesmo em situações de conflito.

Uma missão autêntica não pode prescindir do respeito pela consciência, pela liberdade religiosa e pela dignidade humana.

Uma missão capaz de ir ao encontro das culturas

As numerosas tradições populares ligadas a São Martinho mostram, por fim, que a experiência cristã pode dialogar com a cultura, a memória e a vida quotidiana dos povos.

Valorizar estas tradições não deve reduzir-se a conservar o passado por nostalgia.

Pode antes ser uma oportunidade para redescobrir o significado humano e espiritual de gestos simples como partilhar a comida, acolher o outro, festejar em conjunto e cuidar dos mais frágeis.

É uma forma de evangelizar que parte da experiência concreta das pessoas e procura trazer à luz as questões profundas que atravessam a vida.

Conclusão. São Martinho e a Igreja em saída

A figura de São Martinho pode ser relida hoje à luz do convite do Papa Francisco a tornarmo-nos uma **«Igreja em saída»**.

Na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, Francisco propõe uma conversão missionária capaz de transformar o estilo, os hábitos e as estruturas eclesiais. A Igreja é chamada a não ficar fechada na sua própria organização, mas a ir ao encontro das pessoas, sobretudo das que vivem nas periferias humanas e sociais.

Embora pertença a um contexto histórico muito diferente, Martinho parece antecipar alguns traços desta visão.

É um homem que deixa para trás as suas seguranças. Abandona a carreira militar, escolhe uma vida de pobreza, aceita a responsabilidade episcopal e percorre os campos para encontrar populações afastadas da vida cristã.

Mas é, sobretudo, um homem que se deixa encontrar. A sua vida sugere que a missão não começa quando a Igreja decide falar aos outros, mas quando aceita deixar-se interpelar pela sua presença, pelos seus sofrimentos e pelas suas perguntas.

A *Igreja em saída* desejada pelo Papa Francisco é também uma Igreja capaz de proximidade, de escuta, de fraternidade e de testemunho.

Martinho dá corpo a esta atitude. É um bispo que não deixa de ser monge, um contemplativo que não se esquiva às responsabilidades pastorais, um evangelizador que chega às periferias do seu tempo e um homem de fé que reconhece no pobre o próprio rosto de Cristo.

O manto partilhado torna-se, assim, muito mais do que um episódio edificante. É o símbolo de uma maneira de ser Igreja e de viver a missão.

Fontes e bibliografia essencial

Fontes antigas

- **Sulpício Severo**, *Vita sancti Martini*, edição crítica preparada por Jacques Fontaine, *Sources Chrétiennes*, vols. 133–135, Éditions du Cerf, Paris, 1967–1969.
- **Sulpício Severo**, *Dialogi*, *Epistulae* e *Chronica*.
- **Gregório de Tours**, *De virtutibus sancti Martini* e *Historia Francorum*.
- **Venâncio Fortunato**, *Vita sancti Martini*, em verso.

Estudos históricos e hagiográficos

- **Clare Stancliffe**, *St Martin and His Hagiographer: History and Miracle in Sulpicius Severus*, Clarendon Press, Oxford, 1983.
- **Jacques Fontaine**, introdução e comentário histórico-crítico à *Vie de Saint Martin*, Éditions du Cerf, Paris, 1967–1969.
- **Rajko Bratož**, *Martin of Tours and His Contacts with Pannonia*, 2006.
- **Danny Praet**, *The Divided Cloak as Redemptio Militiae: Biblical Stylization and Hagiographical Intertextuality in Sulpicius Severus' Vita Martini*, 2016.
- **Sharon Farmer**, *Communities of Saint Martin: Legend and Ritual in Medieval Tours*, Cornell University Press, Ithaca, 1991.
- **Eugen Ewig**, *Le culte de saint Martin à l'époque franque*, na *Revue d'histoire de l'Église de France*, 1961.
- **Enciclopedia Italiana Treccani**, verbete *Martino di Tours, santo*.

P. Manuel João Pereira Correia, MCCJ

11 de novembro de 2026
Pesquisa realizada com recurso a IA